

# OBRAS VENCEDORAS 2011

## Literatura nos Clubes Paulistas



Convênio Cultural Sindi-Clube / APL  
Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo  
Academia Paulista de Letras – APL

ff gg h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z A b c c d e f f g g h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z  
ff gg h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z A b c c d e f f g g h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z  
ff gg h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z A b c c d e f f g g h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z  
ff gg h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z A b c c d e f f g g h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z  
ff gg h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z A b c c d e f f g g h i j j k l m n o p q r s s t u v x y y z



**OBRAS**  
**VENCEDORAS**  
**2011**

# Literatura nos Clubes Paulistas

Convênio Cultural Sindi-Clube / APL  
Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo  
Academia Paulista de Letras – APL

# PRÊMIO SINDI-CLUBE DE POESIA, CRÔNICA E CONTO / 2011

## **Corpo de Jurados da Academia Paulista de Letras:**

Anna Maria Martins, escritora e membro da APL;  
Hernâni Donato, escritor e membro da APL e  
Joaquim Maria Botelho, jornalista e presidente da União Brasileira de Escritores.

## **Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo - Sindi-Clube**

Av. Indianópolis, 628 - São Paulo - SP - CEP: 04062-001  
Tel./Fax: (11) 5054-5464  
www.sindicclubesp.com.br / cultural@sindicclubesp.com.br

### **Diretoria**

Presidente: Cezar Roberto Leão Granieri  
Vice-Presidente: Francisco Antonio Fraga  
Vice-Presidente para Assuntos Educacionais: Maria Cecília Santa Cruz  
Vice-presidente de Relações Comunitárias: Sileni Monteiro de Arruda Rolla  
Vice-Presidente de Relações com Esporte Profissional: Luiz Carlos Granieri  
Vice-Presidente de Relações Institucionais: Luís Eduardo Dutra Rodrigues  
Vice-Presidente Financeiro: José Antonio Silveira Ribeiro  
Vice-Presidente de Relações Trabalhistas: Paulo Cesar Mário Movizzo  
Vice-Presidente de Regionais: Alberto Antonio Pascarelli Fasanaro  
Diretor Executivo: Cláudio Lauletta

### **Diretores Regionais**

Baixada Santista: Ariovaldo Moacir Neves  
Campinas: Eduardo Roberto Antonelli de Moraes  
Ribeirão Preto: José Carlos Sica Calixto  
Piracicaba: Omir José Lourenço  
São José do Rio Preto: Pérsio Marconi

### **Conselho Fiscal:**

Maria Alice Vega Deucher Brollo  
Carlos Augusto Barros e Silva  
Gerson Aguiar de Brito Vianna  
José Wilson de Souza  
Roberto Rotta  
Wilson Benitez

### **Equipe Executiva Sindi-Clube / Universidade:**

Antonio Clementin  
Beto Ribeiro  
Maria Regina Canever Domingues

### **Projeto Gráfico e Editoração:** Rose Sardin

### **Realização:**

Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo / Academia Paulista de Letras

### **Apoio:**

Associação Brasileira "A Hebraica" de São Paulo

São Paulo, 2011

# ÍNDICE

Literatura nos Clubes Paulistas .....	7
Cezar Roberto Leão Granieri Presidente do Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo	
Academia incentiva a literatura .....	9
Antonio Penteado Mendonça Presidente da Academia Paulista de Letras	
<b>POESIA</b> .....	<b>11</b>
<i>O Gato</i> / Primeiro lugar .....	13
Irto de Souza – Esporte Clube Pinheiros	
<i>O Tesouro da Juventude</i> / Segundo lugar .....	15
Luiz Carlos de Moura Azevedo – Sociedade Harmonia de Tênis	
<i>Inventário íntimo</i> / Terceiro lugar .....	17
Magnos Augusto Baeta Castanheira – Clube Esperia	
<i>Dizes que sou poeta...</i> / Menção Honrosa .....	19
Armando Salles Galbi – Círculo Militar de São Paulo	
<b>CRÔNICA</b> .....	<b>21</b>
<i>As meninas da Arnaldo</i> / Primeiro lugar .....	23
Antônio Carlos Tórtoro – Clube de Regatas Ribeirão Preto	
<i>Meu quadro</i> / Segundo lugar .....	25
Wilson Victor Lourenço – Associação Atlética Banco do Brasil – AABB-SP	
<i>A Burocracia</i> / Terceiro lugar .....	27
Eliz Luiz Tavone Serafim – Círculo Militar de Campinas	
<i>O Enxame</i> / Menção Honrosa .....	29
Felipe Junqueira Gomide – Clube Esportivo Helvetia	
<i>O Pensador</i> / Menção Honrosa .....	31
Rafaella Danon Schivartche – Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo	
<b>CONTO</b> .....	<b>33</b>
<i>Goodbye</i> / Primeiro lugar .....	35
Leonardo de Lima Forte – Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo	
<i>A capa italiana</i> / Segundo lugar .....	41
Maria de Fátima Duque Martins – Círculo Militar de Campinas	
<i>Dos significados do K</i> / Terceiro lugar .....	43
Durval Nicolau Tabach – Esporte Clube Sírio	
<i>Eu ainda não sou médico!</i> / Menção Honrosa .....	49
David Gonçalves Nordon – Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo	
FESTA DE ENTREGA DO PRÊMIO SINDI-CLUBE DE POESIA, CRÔNICA E CONTO / 2011 – Teatro Anne Frank da Hebraica .....	53



## Literatura nos Clubes Paulistas

Os clubes paulistas estão presentes em todas as regiões do Estado e representam bem a ideia de *mens sana in corpore sano*, promovendo o esporte, a cultura e o bem-estar social. O Sindi-Clube mantém um programa de atividades de incentivo aos esportes, às artes e à área educacional, por meio de sua Universidade Corporativa, que promove o aperfeiçoamento e a atualização dos profissionais que atuam nos clubes.

O Sindi-Clube possui uma expressiva folha de serviços culturais prestados aos clubes. Em 2011 iniciou seu trabalho de promoção da literatura nos clubes paulistas. Num primeiro momento, realizou em âmbito estadual o Prêmio Sindi-Clube de Poesia, Crônica e Conto, que obteve a participação de 22 clubes de 11 cidades, 62 obras inscritas, das quais 14 associados de 10 clubes receberam 9 prêmios e 5 menções honrosas.

Esse projeto contou com a parceria da Academia Paulista de Letras (APL), responsável pela nomeação do corpo de jurados, composto por Anna Maria Martins, escritora e membro da APL; Hernâni Donato, escritor e membro da APL; e Joaquim Maria Botelho, jornalista e presidente da União Brasileira de Escritores.

Devido ao sucesso alcançado pela primeira edição do prêmio, foi assinado o Convênio Cultural entre o Sind-Clube e a APL, para continuar o trabalho de promoção da literatura nos clubes, com mais edições do prêmio, além de outros projetos na área.

O Prêmio Sindi-Clube de Poesia, Crônica e Conto revela e divulga talentos da arte de escrever, dentre os sócios dos clubes em âmbito estadual, promovendo a literatura e o acesso aos livros. Explora também novas formas de interatividade entre os associados e o Sindi-Clube, tendo por base a literatura – a arte que possibilita conhecer diferentes faces da realidade, com o poder de eternizar sonhos e objetivos.

O projeto Literatura nos Clubes Paulistas foi criado para dar mais consistência às atividades do Programa Cultural do Sindi-Clube de promoção da música, canto coral, dança, preservação da memória, cursos, incluindo agora diversos projetos literários.

A estrutura clubística abrange praticamente todas as cidades paulistas, com mais de 3.500 clubes esportivos, culturais e sociais, dentre os quais 68 são clubes centenários, que atendem a cerca de 10,8 milhões de associados e geram em torno de 150 mil empregos diretos.

A Diretoria do Sindi-Clube agradece a participação de todos e parabeniza os vencedores da primeira edição do Prêmio Sindi-Clube de Poesia, Crônica e Conto. A segunda edição do Prêmio Sindi-Clube de Literatura, ano 2012, vem com apoio do Convênio Cultural Sindi-Clube/APL, que abre espaço para outras atividades literárias destinadas aos associados dos clubes paulistas.



**Cezar Roberto Leão Granieri**

Presidente do Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo



## Academia incentiva a literatura

É dever das Academias de Letras gerar, resguardar e difundir o conhecimento; e ainda cuidar da preservação do vernáculo e da literatura – expressão mais elevada da cultura. Desse modo, pode reivindicar para si o papel legítimo de disseminadora dos conhecimentos, por meio de ações contínuas, utilizando projetos literários e de incentivo à leitura.

A Academia Paulista de Letras (APL) tem feito grande esforço para cumprir seus objetivos, conclamando os escritores da cidade para discutirem temas pertinentes à cultura local e à brasileira. Esforça-se também para tornar o livro e a leitura uma referência primordial. Porque a leitura tem o poder de ampliar os horizontes, de elevar a altitude do voo espiritual. Para o pleno desenvolvimento humano, a APL entende que é necessário se adquirir a sabedoria impregnada nas obras literárias. Sem essa contribuição fundamental, tudo se torna menor, a visão fica reduzida, e corre-se o risco de se comprometer o crescimento da alma. E como foi muito bem dito por Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

Para cumprir seu dever de difundir o conhecimento, a APL conta com uma rica biblioteca e com um teatro de excelente localização e média capacidade de público. Um espaço privilegiado de promoção da arte, que oferece as melhores condições para a realização de uma ampla ação literária e cultural.

Nos últimos anos, a APL, sintonizada com os novos tempos, adotou uma postura de abrir suas portas para o público, possibilitando o estreitamento de laços culturais com São Paulo.

Dessa nova realidade, derivaram-se diversas ações culturais: o projeto Escritor na Escola, realizado com estudantes de escolas públicas; a Mostra Itinerante de Cinema e Literatura, ancorada nos grandes livros e filmes e o Convênio Cultural APL/Sindi-Clube, que vem possibilitando a realização de uma série de projetos de prêmios literários e de incentivo à leitura nos clubes paulistas.

A APL incentiva ações de divulgação da literatura no Estado de São Paulo, forma parceria com outras instituições para concretizar projetos dessa natureza, a exemplo do Prêmio Sindi-Clube de Poesia, Crônica e Conto, que vem recebendo consultoria literária e pareceres que orientam o julgamento das obras para premiação. Desse projeto resultou, com a participação literária da APL, a criação do Prêmio Palmeiras de Poesia, Crônica e Conto, comemorativo do centenário da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Assim, a Academia Paulista de Letras cumpre seu papel institucional e dessa forma contribui para o desenvolvimento da cultura e da literatura no Estado de São Paulo.



**Antonio Penteadó Mendonça**  
Presidente da Academia Paulista de Letras





---

**Primeiro lugar**  
***O Gato*** / Irto de Souza  
– Esporte Clube Pinheiros



---

**Segundo lugar**  
***O Tesouro da Juventude***  
/ Luiz Carlos de Moura  
Azevedo – Sociedade  
Harmonia de Tênis



---

**Terceiro lugar**  
***Inventário íntimo***  
/ Magnos Augusto Baeta  
Castanheira – Clube Esperia



---

**Menção Honrosa**  
***Dizes que sou poeta...***  
/ Armando Salles Galbi  
– Círculo Militar de São Paulo



# O Gato

Por **Irto de Souza**

I

O hiato  
entre a noite  
e o dia,  
é um gato  
chamado Manhã.  
Ele salta  
do muro escuro  
sobre a calçada fria,  
onde o dia  
já clareia;  
e por ali passeia  
seu desdém  
e autonomia.

II

Felinos não andam:  
pairam.  
O gestual  
é tão elegante,  
que tem-se a impressão,  
não de que ele se move,  
mas de uma constante  
materialização,  
a cada instante  
um pouco adiante,  
como névoa  
ou cerração.

III

E quando já entardece  
e o sol exausto  
rebrilha em seus pelos,  
ele outra vez desaparece...

... e nós só vamos vê-lo,  
muitas luas depois,  
naqueles dois olhos fulgentes,  
cravados docemente,  
no coração inerte  
da noite morta.



## O Tesouro da Juventude

Por **Luiz Carlos de Moura Azevedo**

no primeiro tempo lembro da foto sem ver a foto  
eu e meu avô no fundo do quintal  
ele agachado para ficar da minha altura  
de terno e gravata e lenço no bolsinho do paletó  
a elegância do meu avô o corte de cabelo as figurinhas  
das balas hollandesas ou as estampas  
do sabonete eucalol  
saíamos aos domingos no dodge cor de creme  
eu com as mesmas calças curtas da foto o pulôver de losangos  
ir à confeitaria na barão de itapetininga  
o elevador gradeado uma orquestra de dois elementos  
cumprimentar ao longe o príncipe dos poetas  
as valsas intermináveis enquanto os lustres  
de cristal  
não paravam de girar

eram muitas as coisas que me faziam rir  
e eu nem suspeitava do tamanho do mundo  
quantos andares tinha o edifício róseo  
mas os dezoito volumes do tesouro da juventude  
cabiam inteiros numa pequena estante  
pouco maior que um criado-mudo

no segundo tempo eu vejo a foto para tentar me lembrar melhor da cena  
meu avô olha fixo na direção da câmara e leva  
um charuto entre os dedos da mão esquerda  
com a qual me enlaça pouco acima da cintura  
segurando na mão direita  
um objeto que agora não consigo identificar  
talvez um ovo da galinha entrevista num dos cantos da foto  
ou a embalagem já amassada de um doce ou bala  
enquanto eu também carrego algo que não sei mais o que seria  
o carro que aparece ao fundo não é um dodge nem  
cor de creme  
e na foto eu não estou rindo nem uso o pulôver de losangos



## inventário íntimo

Por **Magnos Augusto Baeta Castanheira**

uma parte minha  
insignificante  
deixei pelos caminhos  
em prosaicos acidentes de percurso

outra  
de peso maior  
eliminei-a eu mesmo  
aos poucos  
descuidadamente  
com o auxílio dos vícios  
que assumi de maneira declarada  
ou que secretamente me abraçaram

por fim  
o meu último pedaço  
minha porção de porcelana  
estilhaçou-se ou foi extirpada  
de forma definitiva e múltipla  
por aqueles que mais amei  
inconsciente ou conscientemente  
com o agravante do esquecimento  
ou com o requinte do desprezo

agora  
na memória devassada  
filtrada pela teia  
tecida pelo desgosto  
apenas resta  
a lembrança de seu rosto  
pálida sobre meus restos  
como réstias de sol posto



## Dizes que sou poeta...

Por **Armando Salles Galbi**

Ser poeta, ah, quem dera!  
Simples bardo me aprovou...  
Pôr palavras, a granel,  
Nas linhas de um papel...  
Ter luzes n'alma, "ouvir estrelas";  
Ir além... falar com elas!  
Ao meio-dia, ter visões...  
Correr por imensidões,  
Entre galáxias e sóis...  
Ébrio nos arrebóis  
Dos mundos em remoinho...  
Ou sentar-me pequeninho  
À beira de um ribeiro,  
Sorvendo de corpo inteiro  
A linfa que brota da terra...  
Bem longe de toda a guerra,  
Das paixões que nos consomem;  
Das ambições dos homens  
Que lavram a própria desdita...  
Longe das almas aflitas  
Que, por sofrer, tanto erram...  
E depois tornam à Terra  
Como palavras jogadas,  
Com tinta quase apagada,  
Nas linhas de um papel...  
Quem dera ser menestrel  
Das letras de fina lavra  
E ir formando palavras  
Como caídas do Céu  
Nas linhas de um papel...

Ora, vejam, quem ousa  
Servir à Poesia; essa deusa  
Que de vates nobres se serve,  
Recusando os da plebe?

Mas é tamanha a audácia  
Que vôo pelas galáxias  
Colhendo palavras vãs  
E numa bela manhã  
Atiro-as, assim, ao léu,  
Nas linhas deste papel...





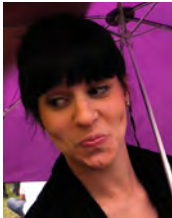
**Primeiro lugar**  
*As meninas da Arnaldo*  
/ Antônio Carlos Tórtoro –  
Clube de Regatas Ribeirão  
Preto



**Segundo lugar**  
*Meu quadro* / Wilson Victor  
Lourenço – Associação  
Atlética Banco do Brasil –  
AABB-SP



**Terceiro lugar**  
*A Burocracia* / Eliz Luiz  
Tavone Serafim – Círculo  
Militar de Campinas



**Menção Honrosa**  
*O Pensador* / Rafaella  
Danon Schivartche  
– Associação Brasileira  
“A Hebraica” de São Paulo



foto: Briaa Chandler

**Menção Honrosa**  
*O Enxame* / Felipe Junqueira  
Gomide – Clube Esportivo  
Helvetia



## As Meninas da Arnaldo

Por Antônio Carlos Tórtoro

*“Quando eu te encarei, frente a frente,  
não vi o meu rosto...”*

Caetano Veloso – Sampa

Logo ao amanhecer – quando já passa das sete da manhã – alguma coisa acontece no meu coração veterano, só quando cruza a Tereza Livrini com a Arnaldo Victaliano.

Na Livrini moro, e na Arnaldo me demoro.

Arnaldo é a artéria, é a vitalidade própria da juventude que a percorre – percorre, não: desfila – o dia todo: é a rua mais bacana do Médici e Iguatemi.

São centenas de universitárias que sobem e descem a movimentada avenida, apressadas, sozinhas ou em grupos, quase acotovelando-se nas estreitas e malfeitas calçadas.

Arnaldo é a porção de vida que começa a se ausentar de minhas carnes quase sexagenárias – que se espalha pelos quase dois quilômetros, entre a Livrini e a Alfredo Benzoni, percorridos por mim, diariamente, em poucos minutos.

Arnaldo é o viço, é a energia – que começa a se ausentar de minhas carnes quase sexagenárias – que se espalha pelos quase dois quilômetros, entre a Livrini e a Alfredo Benzoni, percorridos por mim, diariamente, em poucos minutos.

Arnaldo é passarela de morenas, loiras, ruivas. Por ela passam e repassam gordas, magras, belas, feias, fartas, esguias. Os modelos são longos, curtos, leves, soltos, jeans, bermudas, claras, escuras, coloridas, discretas ou ousadas.

Elas seguem falantes, gesticulantes, arrogantes, tímidas, surdas, mudas, ornamentadas, pintadas, ou de caras lavadas.

Elas não têm a imortalidade de Helô Pinheiro passando a caminho do mar, mas eu também não sou Tom nem Vinícius: elas vão para a UNAERP, e eu vou trabalhar.

Na Arnaldo, não existem modelos, não existe o apelo midiático de um Leblon: são todas imortalmente desconhecidas, misturadas à massa confusa, formada por outros transeuntes, automóveis, ônibus e caminhões. Elas são semelhantes à jovem que busca a solidão na história em quadrinhos Umbigo, de Roko, publicada na revista Porrada, número 10.

Há centenas delas, anônimas, mas todas mereceriam um monumento – que poderia ser erguido em qualquer uma das pequenas praças que permeiam a Arnaldo – pela apresentação magistral da qual são intérpretes nesse teatro de vida a céu aberto.

Só é preciso ser, para conseguir ler esse cotidiano poema vital, que tem sempre suas últimas estrofes escritas nos dias que antecedem os períodos de férias.

Em julho, janeiro e fevereiro – mesmo com o Carnaval – a Arnaldo quase morre: metamorfoseia-se numa longa, sinuosa e moribunda serpente que renasce com a volta às aulas.

Mas, como toda peça teatral, a Arnaldo compõe um cenário, a cada dia mais ocupado – ou seria invadido, maculado – por pequenas empresas: lojas, butiques, com bares e lanchonetes ocupados, devida e literalmente, nos finais de semana: uma multidão alegre, bonita e sadia que ocupa calçadas, e até parte da rua.

Mas o mais interessante é perceber que a Livrini não cruza com a Arnaldo: existe uma igreja no meio do caminho.

Nas linhas deste papel...



## Meu quadro

Por **Wilson Victor Lourenço**

No meu quadro, falta acrescentar um riacho, remanso, águas brincando serenas entre pedras em um ritmo contínuo, movimento, energia, purificação constante, como um pensamento fluídico e redentor lavando os resíduos deixados pela água que tantas vezes turvei com meus toques. Falta desenhar um caminho que siga em direção à nascente, às origens, à fonte, ao grotão profundo, aos filtros de pedras porosas que dão a absolvição às mesmas águas que um dia maculei e que foram arrastadas pelos rios, provocaram estrondos nas cachoeiras, formaram as espumas brancas e as nuvens do céu. Quero beber dessa água, agora cristalina, sem causar-lhe nenhum mal, mas é impossível tocar a mesma água corrente de um rio duas vezes.

No meu quadro, falta acrescentar muitas flores vestidas com toda sensualidade, dançando provocadoras ao compasso do vento que segue o canto dos pássaros, cada uma tentando atrair as abelhas que trazem o pólen dos parceiros distantes e levam, em troca, o néctar, o gosto do mel, o gozo da rainha.

No meu quadro, falta acrescentar muitas árvores generosas para que consertem o ar que poluí em minha ânsia de locomoção, muitas vezes, por preguiça de caminhar. Quero que elas me façam sentir as paisagens que perdi e os detalhes para os quais nunca me ative, na esperança de que retirem a fumaça do ar para que eu possa ver, novamente, o crepúsculo num lindo por do sol entre nuvens claras e o céu faiscante de estrelas.

No meu quadro, falta acrescentar um grande rio cruzando nossa cidade onde eu possa ver peixes saltitantes nadando em águas transparentes; bandos de garças chegando ao entardecer usando as árvores que o ladeiam, como repouso noturno e, nas margens, patos, gansos, pássaros e capivaras vivendo da natureza, sem ninguém a importuná-los.

No meu quadro, falta acrescentar consciências sensíveis e incorruptíveis para que ele possa ser pintado sem a necessidade de desenhar gente maltrapilha, despreparada e sem dinheiro, sem casa para morar, sem esperança, sem rumo e sem guarida e que não espera nada dessa existência.

No meu quadro, falta acrescentar bilhões de pintores trazidos à luz do conhecimento, para que possam adquirir a compreensão de si mesmos e se reintegrarem ao lugar que cabe a cada um em suas aptidões natas nessa imensa e sublime diversidade que a criação teve o capricho de compor, de modo que o mundo não se tornasse uma mesmice. Só aí nos completaremos, aprendendo com o que cada um pode criar.

No meu quadro, falta acrescentar cada um de nós, renovados, devolvidos à inocência dos puros, onde haja a compreensão de que nada deve ser maculado, onde a menor mancha faça mal ao olhar de todos. Então, finalmente, poderemos tocar a mesma água corrente de um rio duas vezes, quando reacendermos o outdoor apagado de nossa consciência.



## A Burocracia

Por **Eliz Luiz Tavone Serafim**

Burocracia é, segundo alguns, a arte de tornar difícil aquilo que deveria ser fácil.

Outros, mais afinados com nossos tempos, afirmam que é a arte de criar dificuldades para, depois, vender facilidades. Cientes dessas verdades, os burocratas vão “empurrando os serviços com a barriga” para tirar disso algumas boas vantagens.

O funcionário público é perito na prática da burocracia; torna o confuso em nebuloso e o complexo em coisa sem nexo e tudo isso sem constrangimento algum.

Ele sabe que a engrenagem do serviço público o favorece. Vejam com é: Ao texto de uma lei (que só foi promulgada muitos e muitos anos após a data em que deveria ser), aguarda-se um decreto que regulamente seus artigos, parágrafos, alíneas, incisos, letras, etc. para que possa entrar em vigor. Só então um ingênuo interessado, consultando o texto aparentemente claro dessa lei, acha que pode requerer determinada coisa e resolve solicitar ao órgão público aquilo que ele entende ser de seu direito líquido e certo. Entusiasmado, protocola seu requerimento e a partir daí ele vai começar a sentir as peias da burocracia em toda sua pujança, força e vigor, coisas que ele nem imaginava existirem. Portarias, atos normativos, avisos ministeriais e memorandos de chefias vão disciplinando o encaminhamento do processo de mesa a mesa, de chefe a chefe, de repartição a repartição, idas e voltas para novos esclarecimentos; carimbos e mais carimbos, selos, muitos selos, cálculo de emolumentos, recibos bancários de pagamentos de taxas disso e daquilo, certidões, assinaturas propositadamente ilegíveis até que o requerimento desse infeliz interessado, solicitando uma bobagem qualquer, volta às suas mãos com um dos indefectíveis despachos finais: indeferido por falta de amparo legal ou devolvido para que o interessado, se assim o desejar, volte com novos esclarecimentos.

Parece que há um interesse classista em se manter essa teia de aranha para emperrar a máquina, segurar processos, prolongar discussões e protelar soluções até que o interessado, vencido pelo desânimo ou pela morte, acabe desistindo de seu intento.

Todos os funcionários aceitam, toleram e, pior de tudo, veneram a burocracia. Convivem perfeitamente com ela e se comprazem com suas exigências protocolares. Até mentes supostamente imunes à essa praga, acabam sendo contagiadas por esse mal quando colocadas entre as quatro paredes de uma repartição pública.

A respeito, conta-se que Machado de Assis, o famoso escritor, era, ao tempo do Império, chefe de uma determinada repartição do Ministério da Viação.

Em 15 de novembro de 1889, sabemos, foi proclamada a República. Em virtude disso, um grupo de políticos republicanos foi, poucos dias depois, resolutamente, ao gabinete do escritor com a clara intenção de retirar de uma das suas paredes o retrato de D. Pedro II, o, agora, ex-imperador banido do país.

Machado de Assis teria reagido: “O retrato aqui entrou por uma portaria; portanto, só sairá daqui por outra portaria.”

Do fato, só podemos concluir isto: foi uma decisão de um burocrata padrão, minucioso e responsável, acostumado a despachar em várias vias e sobre carimbos distribuídos nas frentes e versos das inúmeras folhas numeradas que todo santo processo envolve.

Como a burocracia prevalece sempre, suponho que o retrato também deve ter continuado lá por muito tempo ainda.



## O Pensador

Por **Rafaella Danon Schivartche**

Quantos de vocês conseguem dizer o que o seu colega da baia ao lado está vestindo hoje? E não vale olhar agora... Certamente a maioria das pessoas não saberá e inventarão qualquer coisa para não se sentirem tão míopes. Lembro que fizemos isso comigo e um colega da faculdade e o cara errou. Como é possível o menino estar sentado a 3mm de mim e não ver que estou usando uma camiseta vermelha, cor que não é necessariamente discreta?!

Tirando o fato de minha camiseta ser vermelha ou não, muitas coisas que estão ao nosso alcance para enxergarmos, a maioria das vezes, nos passam despercebidas.

Exemplo: você está namorando há um tempo e sente que as coisas não andam bem. Vê com os olhos que o relacionamento está desgastado, você está cansada e o seu namorado, muitas vezes, não está nem aí pra nada. Se deixarmos os olhos biológicos de lado por um instante e passarmos a usar os olhos que realmente “enxergam”, ideias novas poderão surgir – pro bem e pro mal – das quais você nunca se deu conta. E esses motivos que antes não apareciam parecem brotar do chão de uma só vez.

O exemplo do namoro foi só hipotético porque, para mim, isso se aplica a tudo na vida. Ao emprego que você odeia, à chefe que você acha que não vai com a sua cara, às suas frustrações. Tudo.

Se aprendermos a usar, com mais frequência, os olhos que enxergam e não os que simplesmente veem, muitas decisões acertadas poderiam ser feitas, muito atrito poderia ser evitado e, principalmente, o choque não seria tão grande. E esse choque geralmente vem com uma carga elétrica capaz de gerar um apagão em SP.

Pensei nisso hoje porque ouvi a seguinte história de um professor meu, que foi ao museu do Rodin, na França. Ele, muito observador e atento ao seu entorno, disse que ficou parado contemplando a estátua “O Pensador” por um tempinho. Eu também já visitei esse museu e, portanto, agregarei algumas pinceladas da minha experiência à história.

A estátua situa-se, alta e imponente, no meio de um jardim com bancos em forma de círculo, justamente estimulando a pausa, um momento para se tirar o olho neurótico e impaciente e passar a enxergar o mundo. Passam por lá, obrigatoriamente, todos os visitantes do museu e alguns desses param no jardim e contemplam a obra de Rodin. Como em qualquer museu importante, há também aqueles visitantes típicos, apressados e que estão lá mais para bater ponto do que para qualquer outra coisa. Geralmente encenam o seguinte ritual: chegam com seus guias à obra em questão, erguem a cabeça para olhar, com a mão direita (ou a esquerda, tanto faz) buscam freneticamente a câmera em suas mochilas, acenam ao acompanhante para vir mais para perto da obra e, último porém, não em último, pedem para o coitado imitar a obra de arte.

E, voltando à história do meu professor, nos contou ele que, de vinte pessoas, somente UMA acertou a posição do braço da estátua de Rodin. Um observador atento verá que a mão direita está na coxa esquerda, a palma da mão está aberta e os dedos dos pés, contraídos. Detalhes que parecem não ser importantes para o contexto da obra, mas são na realidade, fundamentais.

E na vida, isso também se aplica: os detalhes que parecem não ser importantes para o contexto de uma obra, são na verdade, fundamentais.



## O Enxame

Por Felipe Gomide

Não sei se fora o excesso de feijoada ou de internet, ambos talvez, em plena sexta-feira paulistana, mas o fato é que aquele calabouço de metrô não se apresentava como um metrô somente, não eram pessoas que eu enxergava em meio à estação Ana Rosa, às seis da tarde de uma semana como outras, no assombroso underground da cidade. Formigas é o que eram. Um desesperado enxame de formigas agonizantes, cansadas, aflitas, espremendo-se como verdadeiros jogadores de futebol americano, tomando as escadas esbaforidas, os corredores estupefactos, as catracas todas, a lutarem entre si por um ínfimo espaço qualquer dentro dos vagões alemães de novíssima geração. Ao menos a feijoada era vegetariana, pensei com meus botões enquanto arquitetava uma singela crônica sobre a visão estapafúrdia. Enfim, após uma sequência de cotoveladas e vôos ao modo dos bonecões de Olinda alcancei a escada derradeira e como Jacob em sua visão divina vislumbrei o degrau supremo com sua promessa de vida e liberdade.

Doce foi a ilusão. À saída da estação Consolação o mesmo enxame de insetos se proliferava como dantes, dominando as calçadas cinzas da Paulista e incrivelmente somando-se à milhares de besouros vorazes, vespas velocíssimas, devoradores monstros apocalípticos a rasgarem em bandos insaciáveis as ruas e avenidas superlotadas. Não fosse a aparição alvissareira certamente eu teria enfartado, sucumbindo em plena flor da idade dos vinte e cinco anos de estrada. Como uma promessa de esperança, um suspiro de alívio em meio ao caos, avistei ao longe uma movimentação estranha, semblantes quase humanos, ruídos parecidos com vozes e gritos, e então pude vislumbrar o milagre: um outro enxame se aproximava, dessa vez formado por humanos somente, pessoas alegres e sorridentes, vestidos com fantasias escalafobéticas, sujeitos mascarados, algumas nuas até, a deslizarem inofensivas bicicletas pela Avenida Paulista. Sim, meu caro amigo, era um protesto. Jovens ciclistas bradando como mártires urbanos num apelo desesperado por liberdade e conscientização, em meio ao alvoroço frenético da metrópole insectóide. E com aquelas gotas d'água reavivando o meu deserto de insanidade antevi maravilhado o desfecho feliz para a crônica anunciada, e dobrei à esquerda como o devia fazer o grande Machado de Assis, sarcasticamente observando os bonds de sua geração a dizer: Que profundas são as molas da vida! E assim sobrevivi.



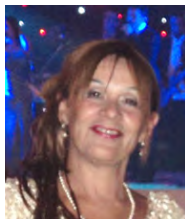


---

**Primeiro lugar**

***Goodbye***

/ Leonardo de Lima Forte –  
Associação Brasileira  
“A Hebraica” de São Paulo



---

**Segundo lugar**

***A capa italiana***

/ Maria de Fátima Duque  
Martins – Círculo Militar  
de Campinas



---

**Terceiro lugar**

***Dos significados do K***

/ Durval Nicolau Tabach  
– Esporte Clube Sírio



---

**Menção Honrosa**

***Eu ainda não sou médico!***

/ David Gonçalves Nordon  
– Associação Brasileira  
“A Hebraica” de São Paulo

---

**Menção Honrosa**

***O Coadjuvante*** / Eugenio Goussinsky

– Associação Brasileira “A Hebraica”  
de São Paulo – *Não teve interesse  
na publicação da obra.*



# GOODBYE

## Uma Pequena História Em Quatro Tempos

Por **Leonardo Forte**

### Impressivo

Acordou de repente como se tivesse levado um tranco de alguém, abriu os olhos. Estava nu, na cama, em cima das cobertas e das roupas do dia anterior, começou a tomar consciência da realidade. Primeiro a boca ruim, amarga como fel, e a bexiga estourando, depois o enjoo seguido daquela dorzinha na nuca aumentando e aumentando.

Levantou cambaleante, manteve as pernas distantes uma da outra para ter mais firmeza e, com uma das mãos apoiada na parede, deu os primeiros passos. Foi até o banheiro no apoio aqui e acolá, com a dor na nuca agora ribombando.

Sentou na privada, apoiou os cotovelos nos joelhos, segurou a cabeça com as duas mãos e desaguou um mar de urina. Mais leve, levantou sustentando – se na bancada da pia à sua frente, abriu a torneira e enfiou a cabeça debaixo do jato forte da água fria molhando o rosto e a nuca que latejava.

A consciência começou a voltar, a dor diminuiu um pouco. Passou a se sentir mais firme e um pouco mais forte.

Ergueu a cabeça molhada, a água escorrendo pelos cabelos já meio ralos, olhou para o espelho em frente e se assustou: semblante caído, amassado, grandes olheiras, olhos cheios de raízes vermelhas, nariz e lábios meio inchados. Estou um lixo! – pensou.

Sua boca se encheu de saliva, avisando. Ajoelhou-se rápido, debruçou sobre o vaso e com uma grande convulsão no estômago vomitou um primeiro forte jato do excesso da noite anterior. Nova reviravolta nas entranhas e mais uma golfada forte. Estava um pouco melhor, sabia que vinha mais e veio o que detestava: novas torções no estômago sem nada para sair a não ser tossir e cuspir. Levantou agora mais firme, lavou a boca, gargarejou água para ver se melhorava um pouco o gosto horrível, amargo, de vômito e bile.

A noite anterior começou a voltar rápida como um corisco, em flashes, e foi acelerando, acompanhada de todos os sentidos e tendo como fundo aquela música com a Betty Carter cantando gemendo e gemendo “I Never Forget You”, repetindo... repetindo.

### Incidente

Entrou no Piano Bar para o happy hours como fazia sempre, bem vestindo, terno bem cortado, camisa branca, gravata de seda e sapato preto tradicional. Tudo muito elegante, sóbrio. Era seu truque, bem barbeado, perfumado, roupa passada. Mesmo depois de um dia de trabalho parecia ter passado todo o tempo em um cabide – estava impecável

Cumprimentou o maitre e o barman pelo nome, em parte para mostrar que era

conhecido da casa e também se mostrar educado, o que era verdade. O barman falou:

– O Dry Martini de sempre, seu Lélo?

– Sim, mas você sabe: bem seco.

Ainda no balcão, com um meio sorriso, deu uma olhada geral no bar. Já sabia quem estava lá, tinha visto de soslaio na entrada, acenou para alguns conhecidos e funcionários. Sentou na banquetta do bar e pensou: vou embora logo, tomo este Martini, ouço um pouco de música e me mando.

Gostava deste bar, por causa do ambiente geral e da música, principalmente. Agora mesmo tocavam uma das suas intérpretes prediletas, a Shirley Horn, que cantava “Never Let Me Go”. Deu mais uma olhada e viu a moça sentada em uma mesa com outras conhecidas.

Alguma coisa o atraiu, pediu ao barman que mandasse sua bebida para a mesa vazia ao lado delas, foi chegando como quem não quer nada. Sentou na cadeira mais próxima, olhou, sorriu, deu um olá geral e tomou mais um gole da sua bebida. O que o estava atraindo naquela mulher? Nem bonita era. Olhou novamente e descobriu. Era a boca, não resistia àquele tipo de boca. Os lábios lisinhos, grossos, mas não muito. A linha do lábio superior numa curva constante, quase sem a marca no meio, de um rosado lindo, suave, nada agressivo. Aquela boca era para ser beijada. Estava olhando fixamente para ela quando se deu conta que todos da mesa tinham parado de falar e o observavam intrigados. Ele nunca perdia o jeito, sorriu e disse para a moça:

– Sou o Lélo.

– Eu sei, ela respondeu.

– Qual o seu nome?

– Odete.

Como não tinha mais nada a dizer, foi para o ataque:

– Você toma alguma coisa comigo?

Ela olhou pra ele de baixo para cima, com um leve sorriso. Reparando na boca, não notara os olhos oblíquos de um verde intenso. A voz, um quase sussurro, a Shirley Horn cantando “Fever”, o dry Martini. Puxou a cadeira e ela sentou.

Não era alta, não era magra. A cintura pouco marcada, os seios, nem pequenos nem grandes, eram bem destacados, no pescoço lisinho, um fio de pérolas. O rosto cheio, sempre com um leve sorrir, nariz pequeno e bem desenhado, os cabelos ondulados puxando para o ruivo e a pele clara, clarinha, com um toque rosa.

Ela pediu uma taça de champanhe e a Shirley Horn atacou “My Funny Valentine”. Conversaram sobre trabalho, beberam. Ele deixou de se fazer de importante e logo ficou sem assunto, não conseguindo desgrudar os olhos daquela boca. Foram dançar, ele a abraçou, deram os primeiros passos acompanhando Shirley Horn que cantava “May The Music Never End”. Ela era mais baixa que ele e se encostou totalmente para acompanhá-lo, colocou o rosto no dela e balançaram e balançaram dentro do ritmo. Agora era a Betty Carter que cantava, praticamente resmungando “Cocktails For Two”. Ele dançava muito bem e usava toda a sua técnica para agradar e se insinuar.

Em um contrapasso, prendeu um pouquinho a coxa dela entre as suas. Ela descolou o rosto, deu aquele olhar verde oblíquo de baixo para cima, sorriu e colocou o rosto novamente. Ele não resistiu e murmurou no ouvido dela:

– Preciso te beijar, senão morro.

Ela levantou a cabeça, entreabriu um pouco os lábios e esperou. Ele encostou

bem de leve seus lábios naqueles, lisos, macios e de repente tudo virou penumbra. Esfregou devagarzinho seus lábios nos dela, encostou a língua, acompanhou a linha da boca, sentiu de leve a ponta da outra língua, entrou em espiral e virou feliz. Não foram beijos enlouquecidos, ardorosos. Foram carícias com os lábios. Voltou à mesa, o tempo passava. Empolgado e feliz foi tomando mais e mais Dry Martinis e tudo foi girando, girando numa roda de plenitude.

Foi ao banheiro, pensou em engolir dois “Engovs”, esqueceu. Quando voltou à mesa, ela não estava. Esperou um pouco, achando que ela voltaria logo. Depois de certo tempo, inquieto, olhou para a mesa onde antes ela estava com as outras moças e perguntou:

– Onde está a Odete?

A moça de cara mais maldosa respondeu sorrindo:

– Foi embora, o namorado dela veio buscar.

Meio atordoado esperou, achou que ela voltaria. Bebeu mais alguns Dry Martinis. Na madrugada, cansado e desfeito chamou o maitre e falou:

– Preciso ir, me põe num táxi, deixa meu carro no estacionamento, amanhã venho acertar a conta e pego o carro, estou mal.

– Tudo bem seu Lélo. Betty Carter cantava gemendo e gemendo “I Never Forget You”.

## Congruente

No espelho, sua imagem meio desfocada tomou forma, mostrando o estado desolado, cansado, acabado mesmo. O mal-estar geral somado àquela imagem o fez concluir que não tinha condição de trabalhar neste dia. Sua racionalidade veio à tona. Vestiu o roupão, pegou duas aspirinas, foi até à copa, abriu a geladeira, pegou a garrafa de água e tomou do gargalo grandes goles gelados, empurrando os dois comprimidos. Melhorou um pouco, olhou o relógio de parede: 9h30. Com a cabeça ainda doendo, embaralhando o som “I Never Forget You”, aqueles lábios e os olhos verdes, concluiu: vou ligar para a agência, mandar cancelar os compromissos e avisar que não irei hoje. Era a volta à realidade. Foi para o quarto, na cabeça “I Never Forget You”, sentou na cama, jogou as roupas do dia anterior no chão, pegou o telefone e ligou para a agência:

– Alô, Mitchú, é o Lélo.

– Tô sabendo, então não conheço sua voz? Principalmente essa de ressaca. Você tem reunião com o cliente da margarina agora às 10h00. Não vem?

– Não vai dar, estou doente, mande alguém me substituir e diz pro cliente que peguei uma virose, bactéria, carrapato, caranguejo, o que você quiser. Hoje não vou de jeito nenhum.

– Tá bem. Posso dizer que você pegou uma bactéria de olhos verdes. Te viram ontem no Horse’s, animadão, bebendo muito.

– Pô, Mitchú, estou mal mesmo, não enche.

– Tá bom, tá bom, pode deixar, pra variar eu arrumo tudo por aqui. Quer que eu vá aí cuidar de você? Tá um puta frio. Posso te aquecer de conchinha como nos velhos tempos.

– Mitchú, você não é minha mulher, nem minha namorada. Você só é minha

secretária.

– Secretária não, assistente.

– Tá bom assistente, olha: “remexer no passado pode perturbar o presente”. À noite vou ao Horse’s, vê se dá pra você me encontrar lá, às 19h30, para me contar sobre o dia aí. Tchau, bonita.

– Beijos, meu amor.

– Mitchú? Alô, alô.

– Fala querido.

– Ainda vou te processar por assédio.

Deitou e puxou as cobertas até o queixo, a cabeça estava bem melhor. Relaxou, procurando o caminho do sono, porém “I Never Forget You” flutuava em sua mente junto com verdes olhos oblíquos, lábios e boca. Na tentativa de tirar essa música da cabeça, resolveu por outra no lugar para poder dormir. Automaticamente estendeu a mão e ligou o rádio de cabeceira, identificou na hora, era o Alceu Valença cantando uma canção que dizia: “o zóio da cobra é verde, hoje foi que arreparei, se arreparsse a mais tempo, não amava quem amei”. Riu, desligou o rádio e o sono veio chegando gostoso, pesado, como num relaxamento. Primeiro as pernas, depois os braços, o tronco pesando, pesando, a cabeça flutuando, indo e indo. Lá no fundo, mais bem de leve, baixinho... baixinho... “I Never Forget You”..., dormiu.

## Eretilidade

Com “I Never Forget You” martelando em sua cabeça desde que acordara chegou no “Horse’s” atrasado cinco minutos. Tudo calculado, pensado, da roupa ao atraso. Fazia frio, gostava, vestia calça preta, sapato esporte marrom café, blusa de lã leve preta e finalizando casaco de couro, também marrom café. Entrou como se não estivesse vendo ninguém, cumprimentou o maitre, o barman, percebeu Mitchú se levantando de uma mesa próxima e vindo em sua direção no bar.

Olhou-a, rapidamente, de cima em baixo e pensou: Puxa, é um avião, como está linda, me faz um bem danado ter ela por perto. O barman perguntou:

– Seu Lélo, o de sempre?

– Não, não Bob, hoje não, me dá um suco de tomate bem temperado.

Ela chegou, beijinhos e falou: - como é Lélo, sobreviveu?

– Não quero nem lembrar. Sabe Mitchú, eu não tenho mais ressaca, hoje em dia eu fico doente direto. Quer saber, não bebo mais!

– Hum.... hum, nem menos.

– Não começa Mitchú, como foram as coisas hoje na agência?

– Prá variar, sua sorte falou mais alto. O cliente chato da margarina cancelou a reunião na última hora e ficou todo cheio de culpa. Pediu para marcar outra data. O resto foi normal.

Enquanto falavam, ele acenava cumprimentando um e outro e procurava a causadora da derrocada do dia anterior. Nada. Provou seu suco de tomate e falou para o barman:

– Bob, transforme esse suco em um “Bloody Mary”, capricha na vodca, preciso equilibrar.

– Não bebe mais, hein? Mitchu falou.

Não deu atenção, continuava a olhar para todos os lados do bar e nada, nem sinal dela. Percebeu, com o canto dos olhos, um leve sinal da Mitchú para o rapaz que cuidava do som, mas não deu muita atenção. Muito embora estivesse tocando outra música continuava com “I Never Forget You” ainda martelando na cabeça.

Um pouco depois, a música que estava tocando foi trocada pelo Tim Maia cantando: “eu preciso te falar, te encontrar de qualquer jeito”, olhou pra Mitchú que sorria e falou:

– Isso é coisa sua não? Sacanagem. É vingança ou sadismo?

– É uma vingança sádica.

– Sei, sei, bacana essa música do Michel Sullyvan.

– Lélo, essa música é do Tim Maia, não é de gringo nenhum não.

– Mitchú, já te falei um monte de vez. Quem quer ser publicitário, pode ser arrogante, vaidoso, egocêntrico, prepotente, despreparado, meio burro e inculto, como a grande maioria deles, só não pode ser desinformado. A informação para eles é tudo, em geral são ociosos, mas são informados. Pois bem, essa música foi composta por esse cara que é brasileiro e adotou esse nome americano, encontrado na lista telefônica de Nova York, para poder fazer sucesso. Ele tem mais de 1200 músicas gravadas e compôs quase 2000. Todo mundo já gravou coisas dele, de Elis Regina até aquele chato do Roberto Carlos.

– Pô, Lélo, você não gosta muito de ser publicitário, não?

– Minha querida, pra você eu posso falar. Não, não sei, mas vou falar porque hoje eu estou com o saco cheio de tudo. Não é que eu não goste de ser publicitário, eu odeio, detesto isso tudo que fazemos e vivemos.

– Adoro quando você me chama de minha querida.

– Mitchú, não brinca com isso, é de verdade. A coisa que mais detesto é ler texto de anúncio, cada vez que leio um, parece que eu estou me violentando. Me sinto como um ladrão, roubando de mim mesmo o meu precioso tempo. Daqui a algum, ou melhor, pouco tempo, eu vendo essa merda dessa agência pros gringos e fico com a grana que planejei pra me mandar e só fazer o que quero.

– Bem que queria fazer parte desse planejamento. Posso até colaborar, você sabe que tenho grana mais que suficiente pra isso.

– Mitchú. Já falei, não brinca com isso. Hoje eu tô uma merda. E agora, transformando você em caixa de despejo, me sinto pior ainda.

Ela respirou fundo, fungou, apareceu aquela ruguinha na testa, olhou fixo pra ele, bem nos olhos, e disse: – Lélo, você é cego mesmo. Cego não, porque cego sente e você é incapaz de ver e sentir. Será que não percebe que eu só trabalho na agência pra estar perto de você. No começo foi curiosidade, meio brincadeira, pra ver como era a vida do charmoso publicitário Lélo. Eu não quero ser publicitária. Grande merda!

Ele olhou firme pra ela, viu aqueles olhos alegres se transformando em poças d’água, disse:

– Não, chorar não, não vale, vá lavar o rosto, fazer xixi, sei lá, mas não chore na minha frente, ainda por minha causa, não, assim eu acabo chorando também. Ontem enchi a cara aqui, hoje fico chorando no balcão com minha secretária assistente. Assim a minha imagem vai pro brejo.

Magicamente, apareceu um pequeno lenço na mão dela, como num efeito

de ilusionista, as lágrimas desapareceram e os olhos cor de mel ficaram ainda mais brilhantes. Olhando pra ela, foi ficando calmo e depois de alguns minutos se sentia leve, limpo. Então, falou com carinho, sem a arrogância e a prepotência habitual, a voz saindo macia, quase um veludo.

– Sabe Mitchú, às vezes eu me sinto como um vale muito seco, sem nada, só paredões, tudo que faço ou acontece comigo são ecos. Ecos e mais ecos que resvalam, escorregam, batem e batem em todos os lados. Acredite querida, às vezes você preenche tudo. Chega, vamos jantar? Preciso comer uma massa, você topa?

– Não, você precisa é de uma boa sopa de cebola. Vamos no “Le Gratine”.

– Vamos. Depois você pode ficar comigo?

– Lógico, eu posso ficar com você sempre e pra sempre, se quiser.

Quando iam saindo, Betty Carter gemeu, cantando “I Never Forget You”. Passaram por uma mesa e um par de olhos verdes oblíquos olhou pra ele de baixo para cima. Mal notou, pela polidez disse:

– Como vai, tudo bem? Já próximo da porta, enquanto a Betty Carter cantava, falou:

– Mitchú, qual é mesmo o nome desta música que a Betty Carter tá cantando?

– Essa música é a quarta faixa daquele disco que você me deu, lembra? Não canso de ouvir, se chama “GOODBYE”.

## A capa italiana

Por **Maria de Fátima Duque Martins**

Diante do espelho, devidamente maquiada e penteada no estilo só entro na cozinha para saber o que temos para o jantar, abotoei a minha linda capa italiana que comprara há menos de 1 mês e que estava guardando para uma ocasião especialíssima, minha morte súbita por exemplo. Tirei com desprezo o meu chinelinho e calcei as botinhas de camurça marrom, que também aguardavam ainda na caixa um momento de tapete vermelho. Olhei-me criticamente e gostei do efeito, muito embora sentisse a necessidade de um acessório, talvez um pequeno revolver com cabo de madrepérola, paciência, não houve tempo hábil para providenciar, o negócio era improvisar. Quem sabe um tijolo? Melhor não, sempre se corre o risco de ser arremessado de volta. Já me vi com a testa partida, sangrando sobre a capa italiana, respigando na botinha de camurça marrom. Nem pensar! Levei 48 anos para montar este “look”, estragá-lo em um minuto, “nunquinha”! Vamos, o tempo urge e ruge a minha raiva instigada pelo espírito assassino.

No táxi, durante o trajeto, só conseguia pensar na revelação que ouvira daquela voz de mulher de bandido: o endereço onde estaria o meu marido com sua amada amante (maldito Roberto Carlos). O meu coração disparava e parava em seguida, uma raiva febril me embaçava os olhos e congestionava o meu raciocínio, mas ainda assim eu podia vislumbrar um tênue luzinha : A VERDADE! “Conheças a verdade e ela vos libertará”. E eu concluo: se não morreses no processo.

Chegamos juntos, eu no táxi e eles no meu carro que eu ajudei a pagar dispensando a faxineira para o “benhêzinho” realizar o seu sonho de consumo!

Cheguei impactando. Desci do carro ao estilo “Intocáveis”, sem metralhadora, é claro. Ela, sem capa e sem vergonha sorriu para mim e disse o meu nome! E eu até uma hora atrás nem sequer sabia da sua vil existência, o que dirá o seu nome. Quis chamá-la pelo nome genérico, mas algo naquela cena me chocou terrivelmente: ela segurava uma insólita pizza! Esse detalhe me disse que não era uma desventura, um erro de um rapaz quarentão, uma parada para esticar as pernas. Era um namoro! Quiçá um noivado! Ele de cabeça baixa não disse nada e eu de nariz empinado nada disse.

Meu Deus, que branco! Nada me ocorria. Meu reino por uma frase de efeito! – “Quem é essa vagabunda?” – Não combinava com a capa italiana. – “Como pode fazer isto comigo?” – Me recusei. O cenário era perfeito: rua estreita, mal iluminada, noite escura, sem lua, sem estrelas e eu vestida para matar. Pálida, mãos e pernas trêmulas. Eu estava morrendo sem um texto para dizer. Uma maldição, uma praga, um encantamento que fosse. Nada.

Salva pelo taxista. Aquele bom homem, veio em meu socorro, me abraçando me levou para o táxi, não sem antes dizer para os vilões a frase que eu buscara, com um toque certo de desprezo: – Vamos moça (gostei!). Não se misture com essa gente!

Voltei para casa com uma imagem fixa na mente: a tal da pizza! O meu casamento sólido-estável havia terminado em pizza, como qualquer escândalo político, com direito aos mesmos ingredientes: alianças com a oposição, não cumprimento das promessas de palanque, infidelidade partidária, desvio de verba, cueca em manchete, etc. Até a figura salvadora do motorista!

Vou pular a parte quando voltei para casa, humilhada, ferida (não sei o que me acertou: se foi um tiro ou uma tijolada) e como expulsei o sujeitinho da minha casa, da minha vida, e como gritei e chorei por mais de um ano e que dor enorme é essa da descrença, da perda do amigo, do namorado, dos sonhos, da afeição, do pé quente no meu pé gelado. Não vou contar não, porque estou tentando ser aceita e ninguém quer saber dos desprezados. Ninguém quer por perto: ex-presidiário, ex-drogado, ex-mulher, nem ex-presidente está com essa bola toda (olha a semelhança de novo). Quer saber? Nem ex-puta! Agora ex-marido está em alta, para provar que toda regra tem Exceção.

Passado os anos, olho prá trás e vejo que não poderia ser diferente, só se pode ter na vida o que se conquista e eu muito embora seja encantadora não tenho tido êxito com as serpentes.

Não tenho muitos amigos, o que me faz procurar com prazer pessoas que me encantem. Não tenho um amor, o que me deixa sempre na expectativa de vê-lo surgir com cavalo branco e tudo. Não tenho tesão, o que me livra de, entrar numa concorrência danada de desleal.

Em compensação passeio por novos caminhos. Canto, danço, pinto, não bordo, proseio. Curto cada momento como se fosse o último, porque hoje eu sei que nada é para sempre e nem é só a morte que nos separa, a vida é mestra em desenlaces.

A botinha marrom de camurça já não mais existe, não resistiu às caminhadas por Londres, Paris, Madri, Lisboa, Óbidos, Cintra, Nazaré, Cascais, Buenos Aires, Gramado, Curitiba, Porto Alegre. Estreou numa rua escura, esquisita, mas partiu pro mundo certa que havia lugares mais bonitos a percorrer.

A capa italiana continua linda, novinha, nem parece os anos que tem. Fechada, fez pose em frente ao Palácio de Buckingham. Aberta, esvoaçou ao vento, em Paris, bem diante do Louvre. Impactou!

E na vida, isso também se aplica: os detalhes que parecem não ser importantes para o contexto de uma obra, são na verdade, fundamentais.

## Dos significados do K

Por Durval Nicolau Tabach

Casimiro Leal não costumava dedicar muita atenção ao mural de Maria Cândida, posto que suas atualizações de status em geral versavam sobre banalidades, o trânsito para o trabalho, se ia chover ou fazer sol, as colheitas de Farmville, youtubes de artistas populares, abaixo-assinados pelo meio-ambiente, adoção de cãezinhos abandonados. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, somado ao fato de ser jovem e bela, era popular a rapariga, e começava novas amizades numa velocidade muito superior à de Casimiro, cujos status evidenciavam sua maior sofisticação intelectual, a mesma sofisticação que flechou o coração de Maria Cândida quando esta era aluna daquele e iniciaram um relacionamento sério, conforme consta nos perfis de ambos desde então.

Casimiro Leal se interessava mais pela lista de amigos de Maria Cândida, por muito tempo conferiu um a um os perfis sorridentes adicionados em profusão, a ponto de a obsessão começar a roubar-lhe o tempo precioso da sua teste de doutorado. A frequência com que era flagrado no departamento navegando no facebook começava a ficar embaraçosa, despertando comentários desdenhosos de parte do corpo docente, que considerava aquilo uma grande perda de tempo, enquanto outra parte defendia a legitimidade da exploração das mídias sociais como instrumento de investigação sócio-antropológica. Decidiu controlar-se, dizendo a si mesmo que aquele era o preço de ter uma mulher jovem, atraente e sociável, com muitos contatos no trabalho, na faculdade, na academia, no grupo de teatro, entre outros locais onde Maria Cândida desfilava seu sorriso luminoso e fácil, sendo que se autoimpôs a regra de não visitar perfis enquanto estivesse na universidade. Valeu o esforço, Casimiro afinal encontrou um fio de meada que reacendeu seu enfraquecido entusiasmo pela tese e numa madrugada em casa, depois de leituras exaustivas mas proveitosas, concedeu-se uma navegação ao léu, começando pelo facebook de Maria Cândida.

Entre os habituais corações multicoloridos, birthday-calendars e comentários meteorológicos, reparou que Maria Cândida agora ensaiava atualizações de status mais elaboradas e introspectivas. A vida nos reserva surpresas, dizia uma delas, O melhor sonho é o que não foi sonhado, arriscava uma outra, Obrigada pelo dia iluminado!, exultava uma terceira, todas elas curtidas por um séquito de amigos e amigas, muitas caras novas desde a última visita, incluindo um certo José Alberto, cujo sorriso, óculos de sol e boné com aba para trás apareciam assiduamente naquelas caixas de comentários.

Casimiro estranhou a longa sequência de letras K, não chegou a contar mas eram mais de vinte, numa alternância aleatória entre maiúsculas e minúsculas, seguidas por diversas exclamações, talvez uma dúzia, deixadas pelo rapaz em um dos status de Maria Cândida. Não por que não soubesse que aquilo significava risadas, neste ponto Maria Cândida já o havia socorrido, ensinando-lhe este e outros códigos correntes da norma eletrônica, tais como os dois pontos seguidos de um parêntese de fechamento, que deveriam ser interpretados como sorriso ou contentamento, mas se o parêntese fosse de abertura o significado era tristeza e se, em vez de dois pontos, houvesse o algarismo oito, dever-se-ia acrescentar espanto à alegria ou tristeza que o respectivo parêntese sinalizava. Casimiro considerava esses hieróglifos uma futilidade, um retrocesso, quase uma

afronta ao vernáculo, afinal a humanidade já há milênios abandonara as pinturas rupestres em favor de alfabetos e vocabulários sofisticados, aperfeiçoados ao longo das civilizações para melhor comunicar conceitos primordiais como alegria e tristeza, risada e espanto. Mas, por amor, aprendeu a tolerar e até mesmo a nutrir alguma simpatia inconfessa por esses desenhos, visto que os e-mails de Maria Cândida abusavam do recurso.

Justamente por compreender essa linguagem melhor que as pessoas da sua geração é que Casimiro inquietou-se com a maneira como foram encadeadas aquelas letras K e pontos de exclamação, pois era evidente que o tal José Alberto não só estava rindo, na verdade gargalhava escandalosamente, balançava-se na cadeira ao ritmo da alternância entre maiúsculas e minúsculas, esmurrava a mesa a cada exclamação, a ponto de ser advertido ou mesmo convidado a se retirar caso a gargalhada fosse verbalizada, por exemplo, na biblioteca da universidade.

A perna da Tia Adelina, graças a deus, está a cicatrizar bem, mas a da cadeira, coitada, não tem mais conserto... Tal era o teor do status, publicado numa manhã de segunda-feira por Maria Cândida, que propiciara tamanha diversão ao sujeito de boné. Não que o texto fosse desprovido de humor, isso aliás era um artifício comum de Maria Cândida frente a adversidades, tanto que, apesar da suposta gravidade da situação, a primeira coisa que disse, quando começou a explicar a Casimiro por que teriam de cancelar o fim de semana em Cascais, foi Tia Adelina descadeirou-se, querendo dizer que, ao tentar trocar uma lâmpada, a velha caíra de uma das cadeiras da sala de jantar que não suportou seu peso, uma vez que Tia Adelina não era exatamente esbelta. Disse assim mesmo, não exatamente esbelta, mais uma ironia carinhosa, já que a velha não era outra coisa senão francamente obesa. A tia teria telefonado na tarde de sexta, ainda aboletada no local do acidente, por sorte conseguiu alcançar o telefone, estava nervosa, confusa, chorava, gemia de dor, falava de uma perna quebrada, e que Maria Cândida por favor viesse logo. A moça decidiu embarcar com urgência para Loures, onde a tia morava, lamentando a perda do fim de semana em Cascais, tão programado e aguardado por Casimiro. Ele disse que nem pensasse nisso, que acidente não escolhe hora, que o importante agora era a Tia Adelina, que uma fratura nessa idade é coisa séria, que era sorte da tia ter Maria Cândida como sobrinha, e que não esquecesse o casaco, aquele vermelho era adequado (e lhe caía muito bem), pois em Loures costumava esfriar ao final da tarde. Era comovente a preocupação e carinho da jovem pela tia, ele sorria reconfortado imaginando-a ao seu lado numa possível cama de hospital, onde ele se deitaria provavelmente antes dela, até mais cedo do que planejava, caso não conseguisse reverter as alarmantes taxas de glicose no sangue. Este é o preço que pagas por seres tão doce, quase podia ouvi-la comentando para amenizar o clima. Na manhã de sábado, Maria Cândida ainda fez a gentileza de mandar uma mensagem de texto para tranquilizá-lo, a tia estava bem, mas ela deveria permanecer em Loures até domingo, bj, onde bj significava beijo. E o gesso, quando tira?, foi a mensagem de Casimiro. Que gesso????, respondeu Maria, com uma inesperada repetição de interrogações, como se a pergunta de Casimiro fosse descabida. O da perna da sua tia, qual mais?, devolveu Casimiro. KKK, a perna quebrada era da cadeira ;-D, foi a resposta de Maria, e a conversa foi encerrada com esse ponto-e-vírgula, hífen e D maiúsculo, formando um código novo que Casimiro não sabia ao certo como interpretar.

Mesmo os amigos de facebook, que desconheciam o teor dos torpedos particulares trocados pelo casal durante o fim de semana, aos quais a atualização de Maria Cândida fazia sutil porém inegável alusão, era concebível que também achassem graça no paralelo entre a perna da tia e da cadeira, traçado com espirotuosidade por Maria Cândida. Era aceitável clicar em curtir, ou digitar dois pontos e parêntese de fechamento para sorrir com a moderação que a ocasião requeria, afinal envolvia uma senhora idosa ainda convalescente. Outra coisa era gargalhar daquela forma histriônica, no mínimo um desrespeito, para não dizer completa desumanidade. Com tantos maníacos a solta pela internet, Casimiro temeu por Maria Cândida e decidiu investigar.

Seiscentos e setenta e quatro amigos, Customer Advisor na empresa PC World, mora em: Lisboa, natural de: Porto, música: rock alternativo, cinema: Iron Man, televisão: Lost, atividades: DJ, interesses: videogame, era o que informava seu perfil. No mural, youtubes, fotos, perguntas respondidas sobre outras pessoas, testes de personalidade, mais youtubes e fotos. Maria Cândida curtiu isso, dizia a frase em carregamentos móveis. Que diabos são carregamentos móveis, pensou enquanto a página carregava, ah, claro, só pode ser má tradução para mobile uploads, malditos anglicismos, para que tanta prolixidade a designar simples fotos de telemóvel. Os enquadramentos eram oblíquos, em primeiro plano sempre José Alberto, seu boné e seu invariável sorriso de dentes brancos e alinhados, o braço direito sempre faltando, provavelmente a segurar a câmera. Se distinguia uma foto da outra pelos fundos, ora um campo, ora uma praia, uma avenida, uma catedral, um canal, a Torre Eiffel. Na última foto, parecia que enfim o pobre diabo conseguira alguém para fotografá-lo, aparecia de corpo inteiro sentado num banco de praça (o lugar parecia familiar), ambos os braços estirados sobre os espaldares. Olhava com ternura para a câmera, ou para quem a operava. Devia ser mulher, a julgar pelo casaco vermelho largado no banco. Fim de semana inesquecível em Loures, dizia a legenda. E Maria Cândida havia curtido aquilo.

Como sou tolo, Casimiro pronunciou em voz alta depois de rastrear cada centímetro quadrado da imagem, a árvore que sombreava o banco de madeira sobre a calçada portuguesa com motivos ondulantes pretos e brancos, o gradil verde de ferro fundido da Praça da Liberdade, sim, era a Praça da Liberdade, sabia que me era familiar, sentamo-nos no mesmo banco no feriado de Corpo de Deus quando Maria Cândida insistiu em me apresentar à tia. Tivesse habilidades de photoshop para ampliar o trecho do tecido vermelho, decerto toparia com os botões revestidos de couro que a atendente da casa de modas disse ser a última tendência, garantindo que a moça ia adorar. Só um idiota para acreditar em tantas coincidências, fazemos a tia sofrer um acidente, que desculpa barata para uma viagem de última hora, imagine a velha Adelina escalando a cadeira para trocar uma lâmpada, que ridículo, a gorda mal podia andar, e a perna quebrada que primeiro era da velha e de repente era da cadeira, seu tonto. Na verdade Maria Cândida zombava da tua ingenuidade com o trocadilho das pernas, seu palhaço. Era de ti que gargalhava o canalha do boné, seu corno, seu corno!

Não adicione ninguém chamado JOSÉ ALBERTO de Portugal, ele é um hacker, passa esta mensagem a todos os teus amigos, porque se algum amigo teu o adiciona ele vai conseguir adicionar-te também, ele consegue descobrir o teu ID do computador e o endereço, todos nós estamos em perigo, por isso não te esqueças, divulga, alerta, parasitas e ladrões já nos chegam, agora ainda mais este. Esta foi a atualização de status que as mãos de Casimiro digitaram, assim que pararam de

tremer. As palavras vieram vomitadas, com fluidez nunca experimentada, nem nos momentos mais inspirados da redação da tese. Primeiro clicou no botão de publicar, o que lhe trouxe algum alívio, e só depois conseguiu reler o que escrevera, impressionado por não haver nenhum erro de digitação.

A internet é um mundo perigoso e incompreendido, regido por leis próprias, onde toda cautela é pouca, hackers têm poderes mágicos e a eles nada é impossível, era assustador imaginar-se na pele de uma triste vítima de furto de ID, convém fazer sua parte para o bem da coletividade, apoiando causas nobres e combatendo injustiças, principalmente quando para isso não se requer mais do que uns cliques, todos seriam gratos por ter amigo tão bem informado e prestativo, desgraças despertam interesse mórbido, falta de assunto, tédio. Estas são algumas débeis tentativas de explicar por que uma mensagem é tantas vezes replicada sem que a ninguém tenha ocorrido questionar sua veracidade, o fato é que boa parte dos noventa e sete amigos de Casimiro clicou em compartilhar, atitude repetida pelos amigos dos amigos, pelos amigos dos amigos dos amigos e assim por diante.

Então foi a vez de Casimiro Leal rir quando, já no dia seguinte, constatou que sua mentira tinha viajado o mundo e retornado. Recebia de volta sua própria mensagem (incluindo uma versão traduzida para o inglês), corroborada por comentários como Em que mundo estamos, ofereces amizade e em troca recibes uma punhalada nas costas, Bem feito, quem mandou adicionar estranhos, Onde estão as autoridades que nada fazem, Queremos justiça, cadeia para José Alberto, Há dias ele me assedia, mas não sou boba, Meu cunhado foi mais uma vítima desse crápula, Passou-me vírus, Apagou todos os arquivos do disco rígido, Quando dei por mim já não restava um centavo na conta bancária, Acordou dentro de uma banheira de gelo sem um dos rins. E foi a vez de Casimiro Leal gargalhar quando viu a página do Grupo de José Albertos de Portugal, que clamavam NÃO SOMOS HACKERS, em caixa alta porque gritavam.

Suposto hacker promove pânico em sítio de relacionamentos sociais, era o título de uma nota na coluna de tecnologia do Jornal de Notícias, mostrando que o caso já ganhara a mídia impressa. Mesmo assim, não se via menção ao assunto no mural de Maria Cândida, que parecia ignorar o perigo a que estava exposta, ou o perigo a que deveria acreditar estar exposta, especialmente ela que tinha um José Alberto na lista de amigos. Seu problema era confiar demais na pessoas, devia ler mais a imprensa séria para constatar a crueldade intrínseca da humanidade, eram as críticas que Casimiro costumava dirigir a ela.

Maria Cândida tinha, no entanto, deixado um comentário na atualização de status, a original, no mural de Casimiro: Até tu, professor!?, significando que ela já cansava de deparar com o mesmo aviso em tantos murais e não esperava que alguém com a estatura intelectual de Casimiro Leal desse crédito a boatos como aquele. Só me limitei a divulgar o que outros me enviaram, até nem sabia o que era um hacker, na altura julguei que era algum talibã ou coisa parecida e fiquei assustado, este foi o comentário de Casimiro no próprio status, e só depois de clicar em publicar percebeu que havia um excesso de explicação incriminador. Então deletou e substituiu por Tu sabes que de internet eu sou o aprendiz e tu és a professora, mas achou que aquilo, além de piegas, expressava submissão, e apagou novamente. Então tentou Nunca se sabe, na dúvida mantenha distância de José Albertos, depois achou melhor remover a segunda parte e o que no fim publicou foi simplesmente Nunca se sabe. Seu tolinho <3, foi a resposta de Maria Cândida, indicando que enfim resolvera, e justo naquela ocasião, começar a





## Eu ainda não sou médico!

Por David Gonçalves Nordon

Um dia, eu, o chato e o seu amigo hipocondríaco fomos passear aqui por Sorocaba, mais porque a gente não tinha realmente nada melhor para fazer (eu estava cansado de ouvir ele reclamar do meu apartamento) do que qualquer outra coisa. Então, descaradamente matando a minha “Área do Aluno”, eu fui com eles para o Esplanada Shopping, onde fomos almoçar.

– O problema do shopping aqui é que é muito caro... Pelo menos, pra quem tá acostumado com o Butantan... Mas tudo bem, olhaqui... O café daqui, Café do Ponto, é o melhor – mostrei eu, conforme andávamos. – E aqui... Este restaurante, apesar de ser do Chitãozinho e Xororó, é bom... Tem uma carne de avestruz... Nossa, nunca provei nada tão bom!

– Avestruz? – indagou o chato, torcendo o nariz.

– Avestruz não vai dar gripe aviária? – perguntou o hipocondríaco, olhando incerto pros lados. – Acho que sim... – e começou a espirrar.

– Não, que eu saiba, não – respondi eu. – E o estranho é que a carne não é branca, é vermelha... Por que vocês não provam?

– Avestruz?

– E pegar gripe avi... Tchô! Ária?

– Ah, esquece... Tem um por quilo japonês aqui, vamos pegar aqui logo duma vez...

– Que tipo de pessoa come avestruz? Eu quero dizer... Não é algo que dá pra criar no quintal...

– Mas não dá pra pegar aquela doença do salmão comendo aqui?

– Ai, meu Deus! Não tem mais doença do salmão! E se você não tá contente, come um beirute ali do lado!

– Uhm, beirute... De beicom, picanha, rosbife e filé mignon... Será que vem tudo isso junto ou tem que escolher entre eles?

– Não sei, não dá pra pegar cisticercose com carne de porco? E doença da vaca louca? Febre aftosa?

– Febre aftosa não passa pra humano... E se você tá com tanto medo, não come!

– Quer dizer, deveria estar escrito ou ou ou e. Se você quer dizer um entre quatro, é ou. Se você quer dizer os quatro, é e. O que será que eles querem dizer?

– Mas eu não tô com medo! É que...

– Eu vou pegar aqui. Vocês que se virem.

No final, eu peguei a comida japonesa no por quilo (que estava muito boa, por sinal), enquanto o chato discutia no caixa com a atendente sobre o beirute e o hipocondríaco, depois de não se decidir por absolutamente nada, sentava-se à mesa e começava a se coçar feito louco.

– Mas, minha amiga, veja bem... Está escrito beicom, picanha, rosbife e filé mignon. Isso quer dizer que vêm os quatro! Não que você tem de escolher, senão seria ou.

– Não, não, este e serve para indicar quais são as opções. Beicom e picanha e

rosbife e filé mignon. Depois o senhor escolhe uma delas!

– Mas se fosse para escolher só uma, seria ou!

– Mas é uma questão de bom senso! Que tipo de pessoa come um beirute com tudo isso? Nem cabe no pão sírio!

– EU como um beirute desses. E deveria estar escrito ou!

– Mas, meu senhor, é uma questão de bom senso!

– Não quero nem saber. Eu quero o meu beirute completo!

– Com qual tipo de carne?

– Todos eles! – exclamou o chato.

A discussão prosseguia, e eu voltei para o Rip (apelido de hipocondríaco).

– Cara, eu acho que tô com lepra.

– Tem alguma parte do corpo que você não sente e que caiu recentemente?

– Não... Não que eu saiba.

– Então você não tem lepra.

– Você é médico, né?

– Não, eu sou um estudante de...

– Será que você podia então me dar uma ajuda? Eu estava lendo sobre lupus um dia desses...

Nunca é lúpus. Regra número um do House.

– ... E eu descobri que eu tenho alguns dos sintomas! Olha só, eu to com febre, tá vendo, e dores no corpo e falta de fôlego e dor nos músculos...

– Você não tá com febre. Só tá com calor. E é claro que você tá com calor, acabou de vir até aqui de bicicleta! Subir toda a Antônio Carlos Comitre de baiqui não é fácil... Por isso que seus músculos estão doendo. E isso aí é sintoma de febre... Pra ser lupus, você precisaria ter baixa dos leucócitos, das plaquetas, inflamação nas juntas, sirosite, manchas vermelhas pelo corpo...

– Continua falando – disse o Rip, anotando tudo em uma caderneta pra usar futuramente. – E depois diz que não é médico!

– Mas eu não sou! E quer parar de anotar os sintomas?

– O quê? É só pra saber caso eu venha a ter eles, que eu tenho mesmo lupus!

– Mas o meu beirute tem que ter tudo que tá escrito! Tá escrito E, não OU!

– Olha aqui, eu sei o problema que você tem.

– E depois diz que não é médico!

– E eu não sou, caramba! Eu não tenho nem CRM! Eu tive sete dias de aulas, só!

– Ah, falando nisso, eu te mostrei minha cicatriz de operação de remoção do rim?

– Viu, é disso que eu tô falando... Você tem hipocondria! Ou Síndrome de Münchausen, pode escolher...

– O que é isso?

– É uma doença de verdade que você tem. Vou te emprestar um livro depois, você dá uma olhada. Você vai ver.

– Uau, nunca ninguém conseguiu diagnosticar tão rápido a minha doença. E sem exames! Você é O médico, cara!

– Eu não sou médico!

– Tem que vir com os quatro tipos de carne! É o MEU beirute e eu quero os QUATRO tipos de carne!

- E por que tá andando de jaleco, então?
- Porque você pediu pra ver como era!
- Mesmo assim...
- Precisamos de um médico! – alguém berrou no meio da multidão.

Todos pararam, os garfos no meio do ar, arrotos congelados no tempo, e viraram os rostos para o centro do salão, onde um homem gordíssimo segurava a garganta de todos os modos que podia, indo do vermelho ao roxo, lutando para respirar. Em sua mão esquerda, uma coxa de frango quebrada ao meio e semicomida.

- Tem algum médico aqui?
- Aqui! – berrou o Rip, e todos olharam pra mim.
- Mas eu não sou médico! – retruquei.
- E por que o jaleco? – todo mundo perguntou.
- Eu sou só estudante! De primeiro ano! Eu só tive sete aulas! Eu tô careca ainda!

– Ele me curou! – gritou o hipocondríaco. – Ele descobriu a minha doença sem qualquer exame! Ele é um gênio!

– Vai ajudar ele, pô! – uns berraram. – Deixa de ser metido! Ajuda o cara! Ou será que tem que marcar hora no consultório?

– Mas eu não sou médico! – respondi, lutando para não gritar, o que foi em vão; logo um mar de mãos me empurrava até o cara gordo, com terno e de bigode, parecendo muito aquele pouca do Réri Poter.

Em pouco tempo eu estava do lado do homem caído no chão, vendo o que eu tinha de fazer.

- Intuba ele! – exclamou o chato, tendo esquecido completamente do beirute.
- Lembra o que você me falou que o Giraffa te ensinou?
- Mas ele não foi atropelado! E eu não tenho tubo! E eu não sei intubar!
- Pega uma bique! – berrou alguém.
- Eu tenho! – exclamou outro.
- Mas não adianta intubar! – exclamei. – Ele só tá engasgado – murmurei pra mim mesmo. – Acho que...

Copiando um negócio que aprendi na televisão, eu fiz a manobra de Heimlich (raimilique) de um jeito um tanto trôpego, e quando vi que não estava dando certo mesmo, dei um soco bem forte no estômago do cara, que não só desengasgou, cuspidando o osso com tudo no Rip (“Tô cego! Tô cego!”), como vomitou um pouco de comida no chato, tossindo feito louco.

Depois disso, foi a maior confusão; o ex-engasgado tentando me agradecer; a turba inteira gritando que eu era um supermédico e eu falando que não tinha tido nenhuma aula direito, ainda; o chato reclamando da comida em sua camisa (curiosamente o cara havia comido quatro beirutes, um de cada tipo); o hipocondríaco berrando que estava cego, que tinham perfurado seu cérebro, que tinha um tumor, que ia desenvolver tétano, AIDS, sífilis e síndrome de Reye (que só afeta crianças, notem, depois de uma gripe, em casos especiais).

Não adiantou nada. Depois de um tempo, eu desisti de berrar que não era médico, aceitei os cumprimentos de todo mundo, aceitei que me pagassem o café, e não reclamei quando me levaram para longe dos dois bebezões berrando no meio da praça de alimentação, um dizendo que estava morto, o outro dizendo que ia ser digerido vivo pelo ácido dos dejetos em sua camisa.



# FESTA

FESTA  
DE ENTREGA  
DO PRÊMIO  
SINDI-CLUBE DE POESIA,  
CRÔNICA E CONTO / 2011

Teatro Anne Frank da Hebraica



Leitura dramática dos excertos das obras vencedoras, com os atores Kelly Orasi e Eric Nowinski.



Senhor Bruno José Szlak, Vice-Presidente Social/Cultural da Associação Brasileira "A Hebraica" de São Paulo, entrega os prêmios aos vencedores da categoria de poesia.

Jornalista e escritor Joaquim Maria Botelho, representante da Academia Paulista de Letras (APL), entrega os prêmios aos vencedores da categoria de crônica.

# FESTA

## de entrega do Prêmio



Alberto Antonio Pascarelli Fasanaro, representante do Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo (Sindi-Clube)



Joaquim Maria Botelho, representante da Academia Paulista de Letras (APL)



Bruno José Szlak, representante da Associação Brasileira "A Hebraica" de São Paulo



Senhor Alberto Antonio Pascarelli Fasanaro, Vice-Presidente Regional do Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo (Sindi-Clube), entrega os prêmios aos vencedores da categoria de conto.

Promoção:



Parceria:



Apoio:



A b c c d e f f g g h i j j K l m n A b c c d e f f g g h i j j  
A b c c d e f f g g h i j j K l m n o p q Q r s s t u v x y z Z A b c c d e f f g g h i j j K l m n o p q Q r s  
A b c c d e f f g g h i j j K l m n o p q Q r s s t u v x y z Z A b c c d e f f g g h i j j K l m n o p q Q r s  
A b c c d e f f g g h i j j K l m n o p q Q r s s t u v x y z Z A b c c d e f f g g h i j j K l m n o p q Q r s s t u  
A b c c d e f f g g h i j j K l m n o p q Q r s s t u v x y z Z A b c c d e f f g g h i j j K l m n o p q Q r s s t u